

O Zarathustra de Nietzsche como Prenúncio: A Última Aventura Humana sobre a Terra

Willis Santiago Guerra Filho

Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasil

"A fidelidade à Terra", de que nos fala o "Zarathustra" de Nietzsche, logo no princípio de sua "pregação", pode ser entendida como uma fidelidade ao mundano (*weltlich*), terreno (*irdisch*), à essa vida cá em baixo (*diesseits*), pois é o que nos resta quando não temos mais fé no além (*Jenseits*), no mundo além (*überweltlich*), ultra-terreno (*überirdisch*), seja aquele platônico, das idéias, da filosofia, seja aquele cristão, das virtudes, da religião. Acabam-se, assim, ilusões como a da verdade e de uma divindade, ficando só o ser humano. A rigor, não há "ser" humano, mas apenas "sendo" humano. E nesse vir a ser, pode-se ser tanto no modo da super-ação, como também da retro-ação, jamais da in-ação. Para escapar ao abismo do nada que então se revela, dentro dele e ao seu redor, no mundo ao redor e em seu interior, o ser humano cria, voluntariamente, uma ilusão e se projeta sobre esse abismo, lança-se qual uma flecha puxando uma corda na direção do horizonte, para permitir a outros atravessarem o abismo, caso ele - ou ela - venha a atingir o seu destino, dando-lhes um sentido (*Sinn*), a superação (*Überwindung*) de si pela realização de si, pelo tornar-se (*werden*) o que se é: o super-homem (*Übermensch*), o único além (*über*) desejável, possível. Eis o sentido da vida na terra, o sentido da terra: tornar-se o que não é, mais do que é, para ser o que já foi. Encandecer. Não somos pó e ao pó retornaremos, por sermos da terra. Não somos de terra, somos do fogo, pois enquanto organismos, somos combustão, combustível, de origem solar, e ao fogo retornaremos, quando apagarmos, até que também se apague a nossa estrela, e depois se faça novamente a escuridão e da escuridão, tal como antes, novamente se faça a luz, e novamente nos dêem a luz, o mesmo eternamente retornando...

Então, se é assim, por que a pressa? Seria o caso de tentar prolongar essa estadia sobre a terra, aceitando-a mesmo que precária, limitada, tão limitada, e ainda assim tão diversa. Por que não diversificá-la ainda mais? Atualmente, no entanto, agimos individual e coletivamente de uma forma que nos está conduzindo antes a abreviar do que a prolongar essa nossa experiência de vida sobre a Terra - e isso tanto no plano individual, como coletivo, mundial.

A fidelidade à Terra e à vida que se tem sobre (*über*) ela vem nos cobrando, exigindo, reclamando a preservação delas, que é a nossa também, quer dizer, uma proteção contra nós mesmos, os humanos, cada vez menos "super", e, portanto, cada vez mais "sub", já que o demasiado humano é desumano. O desencantamento da razão - cf., sobre o que segue neste parágrafo, a "Dialética do Esclarecimento" de Horkheimer e Adorno (v. o "fragmento" da parte final, denominado "Para uma Crítica da Filosofia da História"), bem como a "Dialética Negativa", deste último, especialmente suas últimas páginas - a revelou como negativa, um "acidente" da natureza, que gerou essa espécie que somos, portadores dessa arma-mãe, o *logos*, com a qual, enquanto espécie, nos tornamos imbatíveis por qualquer outra, exterminamos as concorrentes mais próximas - como também várias outras, não tão próximas, por efeito colateral -, e impedimos o aparecimento de alguma outra, mais "evoluída": barramos a "evolução" natural. O "super-homem", portanto, não será uma nova espécie natural, um produto da natureza, como ainda foi o homem, ou seja, uma espécie natural mais evoluída que este último: isso é impossível. O super-homem

será, se o for, um produto do próprio homem, que, voltando-se para si, superar-se-á, por um retorno à natureza, ao natural, que nele habita, enquanto sua origem - "fidelidade à (mãe-pátria-) terra": será ainda possível?

O que ainda haverá de natural em nós, do que não nos distanciamos o suficiente para ainda nos reconhecermos ali? Trata-se de (re)encontrar conscientemente o que tanto ansiamos inconscientemente, o "retorno ao orgânico", antes que ao inorgânico, como atesta a invenção freudiana da pulsão de morte. O super-homem, então, pode ser aquele entre nós, humanos, que se mostra capaz de vivenciar a própria morte ainda enquanto vivo, enquanto homem, homem que já "matou" qualquer além-do-homem que não seja humano, natural, seja Deus, a Verdade, ou qualquer manifestação sobre (*über*)-natural. Que experiência é esta? Podemos denominá-la "a última aventura", a última aventura humana sobre a Terra, nossa maior experiência, a que nos justifica a vida propriamente humana, donde ser o super-homem o sentido da vida do homem sobre a Terra - o "sentido da Terra", portanto, que se encarna no homem.

Esta experiência aventurosa, que se nos afigura a mais venturosa, só pode ser vivida individualmente. Considerando um relato dos que a teriam vivido, enquanto experiência mística, ela pressupõe a consciência da individualidade, para dela prescindir, pois consiste em uma experiência de dissolução dessa individualidade, numa espécie de "fusão cósmica" do consciente no inconsciente, para expressarmos a idéia em termos psicanalíticos, evitando, assim, o descrédito ocasionado pela conhecida análise freudiana do sentimento místico. Do que se trata, portanto, é de nos tornarmos, o quanto possível, conscientes do inconsciente, sendo nesse sentido que se compreenderia o imperativo categórico psicanalítico: *wo Es war, soll Ich werden* ("onde era o Isso - *id* -, o Eu - *ego* - deve advir"). Isso porque só no inconsciente é que somos, propriamente, enquanto o consciente é um constante "sendo", sempre "advindo". Daí se poder afirmar, por exemplo, que Deus é o inconsciente, caso Ele seja definido como o Ser, o "sou o que sou" do livro bíblico do Êxodo - v., para um maior desenvolvimento dessa "metafísica do Êxodo" (É. Gilson), o trabalho que publicamos no *Festschrift* Manfredo Araújo de Oliveira (tb. *in*: A Parte Rei, n.12, Dezembro de 2000).

Haverá ainda tempo e lugar para esta "última aventura humana sobre a Terra", ou a "doença de pele" que a acomete, como Nietzsche certa feita se referiu à humanidade, tornou-se cancerosa e poderá ser-lhe fatal? A busca de conservação a todo custo, o medo de enfrentar a única certeza que temos, a de que a qualquer momento poderemos deixar de viver, de "ser", encoraja o homem a fazer tudo o que lhe é possibilitado, pelo uso da razão, para evitar a morte, e com isso termina agindo contra a própria vida, que, afinal, é o agente da morte: não há vida sem morte. Aterrorizado por esta única possibilidade de que tem certeza da ocorrência, o ser humano não explora devidamente todas as outras possibilidades que se lhe oferece a vida nessa terra, pensando antes em evitar o momento da dor do que em aproveitar uma eternidade em júbilo após aquele momento, pois à dor segue-se o prazer e a este novamente a dor, indefinidamente, como canta o caminhante noturno (*Nachtwandler*) no final do *Zarathustra*.

É diante de Deus, de um ente superior, criado pelo homem para lhe dar a ilusão de segurança, a garantia de permanência, em um mundo contingente e cambiante, que se postula a igual inferioridade dos homens, sua igualdade. Como assinala Nietzsche no capítulo denominado "Dos homens superiores" (*Vom höheren Menschen*) de seu "*Zarathustra*", esse Deus é a maior ameaça ao super-homem, o maior empecilho à superação do homem, donde a morte de ambos, Deus e o homem, se fazer necessária, para que viva o ser humano sem o sobrenatural, fiel à Terra, à (sua) natureza. A Terra, no entanto, vem sendo arrasada por aquele "mais feio dos homens" (*der hässlichste Mensch*) que aparece na parte IV do "*Zarathustra*", o

assassino de Deus, que a tudo e a todos despreza, inclusive a si mesmo, matando Deus para que não testemunhasse seus mal-feitos, sendo este mesmo homem que, no antepenúltimo capítulo desta última parte do livro, ressuscitará Deus, não se importando mais com o seu julgamento nem com o ingresso no reino dos céus ou a vida eterna. O reino que interessa é o da Terra, a vida terrena e efêmera, incerta, mas sempre possível de retornar, a cada dia em que se desperta, até não haver mais despertar nem dia, restando ainda a possibilidade do retorno infinito do absoluto infinito, única eternidade que se nos oferece o pensamento nietzscheano, por ser a que ainda resta aos que não esperam mais nada além do que já têm.

No penúltimo capítulo do “Zarathustra”, o “homem horrível” (*der hässlichste Mensch*) - o próprio Nietzsche? -, assim como os demais a seu redor, “homens superiores”, experimentam a vivência do eterno retorno, tornam-se super-homens, superam-se enquanto humanos, tornando-se o que são, imortais, pois a morte, de fim da vida, torna-se condição para o seu recomeço, assim como o começo também o foi. Na verdade, não haveria fim nem começo em um universo eterno, mas tão-somente acontecimentos que, do mesmo modo como se sucedem, também um dia se repetem, em um mesmo encadeamento: o que já aconteceu, portanto, acontecerá novamente, para que, de algum modo, seja sempre o que já foi, pois só pode ser eternamente o que é - e há o ser, como sabemos os que somos conscientes. A idéia do eterno retorno do mesmo apresenta-se, assim, como uma ficção necessária para se conceber a vida *sub specie eternitatis*, a fim de não banalizá-la, mas também sem recorrer a alguma forma de transcendência, ou seja, mantendo uma concepção de pura imanência. É aí que se abre uma possibilidade para os humanos de viverem sem aterrorizarem-se com a sua condição de permanente transformação, até a transformação final, que a qualquer momento poderia se dar. Assim, poderão organizar sua vida de acordo com essa ficção do eterno retorno, ao invés de qualquer outra - e alguma sempre terão, pois não há acesso possível a uma realidade última, para além da linguagem e do pensamento, podendo mesmo se afirmar que, mesmo se houvesse esse acesso, não haveria um retorno possível, sendo a experiência insuportável ou inenarrável, como atesta o sem-sentido da loucura e o inefável do místico. Passa-se, então, a viver “como se” já se tivesse vivido o que se vive e querendo viver o mesmo de novo e eternamente. A vida torna-se um fim em si mesmo, deixando-se de conceber esta vida como um meio para acesso a alguma outra, melhor, no além, ou em algum futuro indefinido - no primeiro caso, a vida é desvalorizada, enquanto no segundo, ela é super-valorizada, levando a que se aja contra a vida, seja por não se importar com ela, seja para evitar a morte a qualquer custo, já que poderá não haver mais nada além dessa única vida.

A última aventura humana sobre a Terra, então, apresenta-se como a última porque nos exigirá mais do que vivenciar a própria morte, individualmente, mas também a possibilidade de sua ocorrência no plano coletivo, presenciando, eventualmente, a destruição da humanidade e, até, da própria Terra. Essa destruição está em curso, sendo obra dos que vivem apenas - ou demasiado - humanamente, de acordo com uma má ficção, seja aquela de que há uma vida melhor no além, seja uma outra, que se apresenta como moderna, segundo a qual a vida melhor nos será proporcionada pela exploração econômico-científica da Terra e de seus habitantes, quando aí reside um perigo ainda maior para o homem do que a crença na onipotência divina, pois é a crença na onipotência humana. Eis que a última aventura humana sobre a Terra será a última, se encerrar a aventura humana na Terra e, até, acabar com a própria Terra. E também será a última se a humanidade conseguir salvar-se e salvar a Terra, permanecendo fiel a ela, quando então terá se superado, enquanto forma de vida, superando o misto de terror e arrogância que a constitui. Uma melhor compreensão do que aqui se pretende expor pode ser alcançada se voltarmos nossa

atenção para o capítulo sobre a ciência (*Von der Wissenschaft*), também da citada IV parte do “*Zarathustra*”, encerrando o presente ensaio.

Bibliografia

- Guerra Filho, Willis Santiago. “(Im)possibilidade e necessidade da teologia”, *in*: A Parte Rei, n.12, Dezembro de 2000.
- Nietzsche, Friedrich. “Also sprach Zarathustra”, *in*: Kritische Studienausgabe, vol. IV. Giorgio Colli/Mazzino Montinari eds., München: de Gruyter, 1999.